



PRÁTICAS DE UM COTIDIANO FAMILIAR ENTRE AS MÁQUINAS DE OVERLOQUE E A RETA: BOLIVIANOS EM SÃO PAULO

CAMILA COLLPY GONZALEZ FERNANDEZ*

Este artigo representa o cotidiano de uma expressiva parcela de e/imigrantes bolivianos em São Paulo, para não dizer de quase uma totalidade. Como em qualquer processo migratório motivado pela busca por melhores condições de vida, os e/imigrantes se dedicam integralmente a aquisição dos recursos financeiros e neste caso especificamente como o projeto era familiar, todos os membros da família incluindo as crianças possuíam papel relevante na conquista do sonho.

Quando eu cheguei aqui tinha 7 anos, então eu acabei tendo muito a atribuição de tradutora e guia da família porque meu pai era o dono da oficina e trabalhava muito. A minha irmã tinha 14 anos, mas tinha tamanho pra ficar em uma máquina, ela começou a trabalhar. Eu é que ficava pela rua com a minha mãe, tentando fazer as compras e ver como funcionavam as coisas e ver onde tinham as coisas mais baratas. Eu tinha naquela época 7 anos e acabei pegando o idioma. Eu lembro que agente ia numa feira lá no Center Norte, porque agente achava que era mais barato e voltava de metro com o carrinho de feira. Mas será que era tão diferente assim o preço pra ir até o Center Norte? Precisava ir de metro até lá, eu não pagava, mas a minha irmã pagava. Hoje eu penso pra eu que precisava fazer isso, mas era indo atrás do melhor preço. Então eu tive essa tarefa, acabei aprendendo a costurar, com 10 ou 12 anos. Acabei aprendendo a costurar, mas eu nunca trabalhei de fato, como muitas crianças trabalhavam, porque eu sempre arrumava cursos, estudava muito, voltava do curso tarde. Então eu também fazia essa parte pesada com a minha mãe de compras, eu que ia com ela. Então eu tive o privilégio de não ser obrigada a ir pra máquina de costura, a trabalhar de fato¹. (YUJARA, 20/06/2013)

O relato traduz o cotidiano de muitas crianças bolivianas encontradas nas oficinas de costura não só do Bom Retiro, mas de forma estendida. Em busca de um futuro promissor o presente dos mais jovens, que se veem obrigados a ajudar seus familiares nas jornadas de trabalho prolongadas das oficinas para tentar alcançar um grande volume de produção e aumentar o lucro nas vendas, acaba sendo prejudicado. O que os faz retardar os planos de estudar ou até os impede.

* Doutoranda em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), orientada pela Prof^ª. Dr^ª Maria Izilda Santos de Matos; Bacharel e Mestre em Turismo pelo Centro Universitário Ibero-Americano. Professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Bolsista CAPES.

¹ Depoimento de YUJARA, Veronica Quispe. 20/06/2013– a oficina de costura da família

Existem relatos de mães que deixam os filhos pequenos trancados nos quartos da oficina o dia inteiro com um vídeo game para se distraírem, pois estar entre as máquinas oferece perigo, atrapalha a produção e incomoda os patrões (AZEVEDO, 2005). A jornada de trabalho das mulheres acaba sendo mais longa que a dos homens, pois além da costura se encarregam da alimentação, da limpeza, dos cuidados com as crianças e com os idosos (MATOS, 1996). O depoente² relatou que na oficina que trabalhara, que pertencia a um grupo familiar, algumas crianças estudavam, outras iam para creche, e as maiores ou recém-chegadas ajudavam nos serviços gerais.

A respeito do número de horas que mulheres e homens dedicam ao trabalho familiar não remunerado, destaca-se que as mulheres destinam muito mais tempo do que os homens a esta atividade. Os estudos revelaram que as bolivianas dedicam cerca de 35 horas por semana ao trabalho não remunerado e os homens apenas 9 horas, já que se concentram mais nas atividades econômicas remuneradas (42 horas semanais) e as mulheres 26,6 horas. Porém ao somar-se as horas destinadas as atividades remuneradas e não remuneradas percebe-se que a jornada semanal das mulheres é mais longa.³

Segundo os relatos não existe uma diferença de trabalho por gênero dentro das oficinas, homens e mulheres podem realizar as mesmas tarefas. O serviço é pago pela produção, tem uma distribuição pelo ofício, por facilidade, não por gênero. Dentro da oficina existem três tipos básicos de máquina⁴: a reta, a overloque e a galoneira. “A maioria dos homens trabalha na reta, as mulheres que trabalham na reta são muito boas e acabam ganhando igual aos homens. Poucos homens trabalham com overloque ou galoneira”(YUJARA, 20/06/2013). Ocorre o sistema de rodízio em algumas funções para que a encomenda seja entregue na data certa.

² Depoimento de Franz Ever Quety Rada, 2012.

³ Estadísticas para la Equidad de Género: Magnitudes y Tendencias en América Latina (Santiago). In Versão portuguesa: Igualdade no Trabalho: Enfrentar os desafios. Relatório Global de Acompanhamento da Declaração da OIT relativa aos Direitos e Princípios Fundamentais no Trabalho. Disponível em: http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/igualdade_07.pdf

⁴ Tipos básicos de máquina de costura para confecção: Reta usada para costura simples, algumas costuras retas não podem ser cortadas; Galoneira usada para tecidos leves e médios é ideal para bainhas, colaretos, golas e barras. Faz ponto corrente. A overloque é a costura por fora serve para modelar e é usada em tecidos planos com certa elasticidade como algodão, tricoline, malhas e outros. Disponível em: [www.http://maquinasdecosturaindustrial.com](http://maquinasdecosturaindustrial.com). Acesso em 30/07/2014.

Aqueles que não possuíam habilidade com as máquinas realizavam serviços gerais só que ganhavam menos por esse trabalho.

Não tinha salário, era por produção, como eu não costurava, eu auxiliava, carregava, limpava, tinha um salário fixo, menos, não dava nem pra comer, tinha que pagar hospedagem, comida, fiquei endividado. Tentei costurar, mas não tenho habilidades manuais. Admiro quem tem essa habilidade. Nessa oficina eu fiquei, uns 6 meses. Eles ficavam com os documentos das pessoas, com os meus documentos, mas eles diziam que eu tinha dívida, e para segurança eles diziam que tinham que ficar com os documentos. Os donos da oficina eram bolivianos⁵.

O cotidiano de trabalho dos e/imigrantes bolivianos nas oficinas desde sua montagem até a rotina de serviços era ditado pelo ritmo da música latina. “As famílias de migrantes têm oficina de fundo de quintal. Pega-se um cômodo da casa, coloca-se algumas máquinas, pega outro cômodo, coloca alguns beliches e aí acomoda quem vai trabalhar.” (YUJARA, 20/06/2013)

A maior dificuldade de um e/imigrante em São Paulo não é o trabalho, é sim a habitação. Ele pode até vir sem nenhuma qualificação, mas trabalho ele encontra. Já o problema da habitação se apresenta sem solução, não pelo fato do aluguel, mas sim pela documentação exigida para locação do imóvel, como: comprovantes de renda e apresentação de fiadores. Por esse motivo as oficinas oferecem o trabalho e a moradia no mesmo local, o que num primeiro momento facilita a fixação do e/imigrante no destino, mas também propicia à exploração da mão de obra através das longas jornadas de trabalho devido há falta de uma separação entre espaço doméstico e o espaço de trabalho.⁶

Pode-se diferenciar trabalho doméstico e trabalho domiciliar:

Trabalho domiciliar deve ser entendido como aquele realizado na habitação do trabalhador, por encomenda da empresa ou de seus intermediários, envolvendo geralmente a realização de uma tarefa parcial do processo produtivo, último elo da cadeia produtiva, cujo pagamento era feito geralmente por peça. (...)

⁵ Depoimento de Franz ever Quety Rada.

⁶ A discussão da falta de separação do tempo de trabalho remunerado e não remunerado realizado dentro do lar, também pode ser encontrada em outros momentos da história da costura em São Paulo, como em: MOURA. Esmeralda Blanco B. de. Trabalhadoras no lar: reflexões sobre o trabalho domiciliar em São Paulo nos primeiros anos da República. Disponível em: http://www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos/volume01/vol04_atg7.htm.

Essas instâncias de organização da produção configuravam-se como alternativas de emprego particularmente importantes para as mulheres de setores populares, por permitirem a combinação das atividades domésticas com o trabalho remunerado. (MATOS, 2002. P.90-91)

Assim entende-se por trabalho doméstico aquele realizado dentro dos lares, pelos próprios moradores para si e para família, como limpeza dos ambientes, lavar, passar, o preparo de alimentos, cuidado com os filhos e não remunerado, neste caso. Pois existe também o trabalho doméstico remunerado e exercido por um empregado doméstico, como: Jardineiro, copeira, cozinheira, faxineira, babá entre outras funções.

Tinha no total mais ou menos 12 pessoas, tinham crianças, trabalhavam e moravam lá mesmo. Trabalhavam domesticamente, acordavam e na mesma casa, era a oficina. Eu acordava e costurava até de noite. Trabalhávamos das 07 da manhã até de noite. Não podia sair, diziam que a polícia federal ia prender, e só devolvia o documento quando pagasse a dívida, mas não dava, a comida era muito cara. (RADA, 2012)

Outro aspecto destacado pelos depoentes que marcou sua passagem pelas oficinas de costura foi a alimentação, nota-se que o hábito alimentar não se apaga com o processo migratório e sim realça as origens dos e/imigrantes. Todos os relatos apresentaram aspectos que caracterizavam a importância da manutenção dos hábitos alimentares para manter as tradições bolivianas. Os traços marcantes da culinária boliviana eram utilizados como estratégia para manter costureiros na oficina.

A comida a minha mãe nunca abriu mão e ela diz que é justamente assim, ela diz que não perdeu a identidade culinária porque ela nunca foi a empregada. Porque quando você é empregada na oficina, você é forçada a cortar custos. Se você é forçada a cortar custos, você compra por atacado, arroz, um tipo de carne moída ou um tipo de frango e aí vai repetindo sempre a mesma coisa. Então você acaba saindo mais barato. Como a minha mãe sempre foi a cozinheira e sempre gostou de cozinhar, então ela cozinhava para os funcionários, mas sempre incrementava com uns temperos que agente conhecia. Mesmo que fosse arroz com frango, ela punha o aji, que é a nossa pimenta. Ela dava um jeito de mandar buscar ou comprava, ou os meus tios mandavam de lá, ou alguém viajava, ela sempre mandava trazer. Então ela sempre colocava um tempero diferente, nunca deixou isso se perder, a questão da comida. Hoje mesmo em casa agente cozinha feijão em dia de festa, porque comemos comida boliviana todos os dias. (YUJARA, 20/06/2013)

No momento em que o indivíduo se desloca de seu país de origem traz consigo seus gostos e preferências alimentares. Não é apenas o sabor ou a maneira de cozinhar, mas sim a memória desse sabor, a memória da família e da terra natal que está relacionada em cada prato. A comida “traduz uma identidade, revela a cultura regional, familiar, que implica na formação do gosto”⁷.

Aponta-se o hábito alimentar como sendo o último a ser abandonado pelo e/imigrante, percebe-se na comida e na forma de cozinhar os alimentos a manutenção dos hábitos e costumes do local de origem de cada e/imigrante (CORNER, 2011).

Percebe-se uma preocupação da cozinheira em adaptar as receitas, quando não conseguia os ingredientes originais dos pratos, observa-se essa prática em outras oficinas de costura, uma cozinha dinâmica que vai se transformando de acordo com as necessidades apresentadas no cotidiano. Como saltenhas com menos pimenta para os trabalhadores brasileiros, nota-se a reinvenção das tradições, dos costumes para satisfazer a todos (HOBBSAWN;RANGER,1984).

Constatou-se que a experiência inversa, a fome e a pouca oferta de alimentos aos trabalhadores da oficina, os motivava a pensar em procurar outro local para trabalhar, já que as idas necessárias ao supermercado reduziam ainda mais os ganhos no final do mês.

Eles davam comida, mas era uma comida, nossa, ruim, pouca. Eles eram muito mão de vaca, comiam a mesma coisa, mas sei lá era ruim. Comiam mal, senti muita fome, não tinha liberdade não podia comer o que queria, e nem tinha porque eles compravam pouco, racionalizado. Era um absurdo, eu sentia muita fome, terrível.(...) pelo amor de Deus, era um poquinho de arroz, duas batata e uma salcicha, as vezes um ovo. Eles eram uma família, muito mão de vaca. Essa coisa não gostei, depois comecei a sair ir no mercado, e comprar coisas para comer, Aí fiquei com mais dívida.(RADA, 2012)

A repulsa a comida oferecida pode ser entendida quando percebe-se que o e/imigrante não se reconhece nos pratos ofertados, pois a “comida é mais do que um alimento, vai além das

⁷ Muitos pesquisadores apontam a comida como um traço marcante da identidade cultural de um povo. Dentre eles: ELIAS, Norbert. O processo civilizador – Uma história dos costumes. Vol.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. CERTEAU, Michel de.; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano. 2- Morar, Cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. CORNER, Dolores Martin Rodriguez. Da Fome à gastronomia: os imigrantes Galegos e Andaluzes em São Paulo (1946-1960). Tese de doutorado. São Paulo: PUC-SP, 2011. MILANESE, Graziela Arabe. Hospitalidade e comensalidade nas feiras de rua da cidade de São Paulo: Feira Kantuta e cultura boliviana. Dissertação de Mestrado. São Paulo: UAM, 2012.

proteínas e as vitaminas(...). Ela se reveste na cultura de quem a prepara, nos ingredientes aceitos ou rejeitados pelo grupo, nos odores e sabores próprios”(CORNER,2011.p.18).

O alimento estranho e o ambiente hostil colaboravam para o processo de rejeição.

A busca pelo conhecido era constante, minha mãe segurou muitos costureiros aqui em casa pela comida. Como meu pai administrava mal, eles podiam não ganhar muito, nunca fizeram rios de dinheiro, até porque todo mundo trabalhava. Minha irmã trabalhava, eu trabalhava e minha mãe cozinhava. Mesmo assim agente nunca conseguiu ganhar muito dinheiro. E aí muitos trabalhadores ficaram lá muitos anos por causa do jeito da minha mãe. Então a busca sempre existe, se as pessoas vão para uma oficina que não faz o que a minha mãe fazia, eles tem que procurar um lugar pra comer comida boliviana, senão não aguenta. Domingo é a fuga da semana deles. (YUJARA, 20/06/2013)

O ambiente familiar destacado somado ao conhecimento pelos sabores ofertados nos alimentos proporcionava a sensação de acolhimento e remetia aos costureiros as lembranças de sua terra. Nota-se que muitos ficavam por causa da comida e não dos ganhos, colocando o bem estar à frente dos recursos financeiros. A comida passa a ser um símbolo identificação cultural no novo contexto apresentado a este e/imigrante (BOURDIER,1989).

No contexto da e/imigração esses trabalhadores estão em constante transformação, mesclam sua cultura com a cultura das pessoas que encontram, são culturas híbridas. Os traços culturais estarão em constante transformação e o e/imigrante manterá sempre uma dupla pertença a dos traços culturais do país de origem, das ligações afetivas à cultura e a terra dos ascendentes e a dos novos hábitos adquiridos em São Paulo (TRINDADE in LUCENA;GUSMÃO, 2006).

O paladar muitas vezes é o último a se desnacionalizar, a perder a referência da cultura original. A culinária atua como um dos referenciais do sentimento de identidade: é por sua característica portátil (...) que ela pode se tornar referencial de identidade em terras estranhas. (DUTRA in CORNER, 2011.p.26)

O ritmo de trabalho nas oficinas é ditado pela música latina, as músicas são escolhidas para motivar a maior produtividade durante o dia e para acalmar, “descansar”, a noite a costura é embalada pelos ritmos românticos. Segundo relatos e observações em oficinas a noite o ritmo de trabalho desacelera para que os vizinhos não ouçam o som das máquinas e para que aqueles moradores da oficina que não estão costurando possam descansar. Os costureiros

focam seus esforços nos acabamentos, em pregar botões, passar e dobrar peças, outras atividades com teor reduzido de som.

As músicas de uma oficina, são de rádio, naquela época era fita. A novidade quando alguém chegava na oficina, era trazer as músicas. As músicas são a coisa mais importante na oficina, porque elas ditam o trabalho. A noite geralmente põe música romântica, durante o dia é mais agitada.(...) Eu tenho vários CD's.(YUJARA, 2013)

Observa-se que a depoente adquiriu o gosto e costume de ouvir música latina por ter sido criada dentro da oficina de costura, esta comenta que não perdeu o contato com a música, que possui vários CD's de bandas bolivianas com músicas folclóricas e diversos estilos e também os usa como forma de motivar seu trabalho e ditar o ritmo das atividades que precisa desempenhar, “no carro só rádio latina e cd, no consultório e para fazer a faxina da casa sempre ouço”.(YUJARA, 2013)

A questão da moradia e do trabalho em conjunto nas oficinas de costura é delicada e pode ser discutida por diferentes óticas. De um lado os empregadores que visam o lucro e para tal a redução de custos é a principal estratégia. De outro os costureiros e demais prestadores de serviços gerais das oficinas, e/imigrantes que visam às facilidades e as dificuldades na conquista de um sonho. Mesmo quando ocorre a exploração muitos vêm como positivo o fato de morarem na oficina com outros costureiros, pois não gastam com condução, podem se ajudar no trato com as crianças e realizam um rodízio nas tarefas de limpeza. De outro as instituições e associações de apoio e acolhimento ao e/imigrante, os órgãos públicos (consulados, polícia federal) e a sociedade civil. Além dos interesses dos promotores da e/imigração ilegal.

Uma vez participei de uma apreensão do ministério do trabalho e a grande preocupação dos imigrantes era como eles ficariam com a oficina fechada, quem ia comprar comida pra eles, como iriam fazer para ir ao mercado, teriam que gastar com condução se não morassem no trabalho, como fariam. É assim como todo mundo faz, não é porque são imigrantes que vão fazer diferente (NOVAES, 2013)⁸.

Relatara que ao comparar os atendimentos realizados a outros e/imigrantes, os processos de contratação eram diferentes,

⁸ Entrevista com a então advogada do CAMI Marina Novaes, 2013.

os paraguaios, por exemplo, já vem com tudo mais definido, trabalham com carteira assinada, não dormem onde trabalham. Quando no atendimento surge esse assunto a orientação se dá pela mudança de residência e os bolivianos falam que eles são burros, porque acordam e já estão no trabalho, não precisam gastar e os paraguaios não (NOVAES, 2013).

Percebe-se que a dependência gerada pela moradia e pela alimentação propiciada pelo dono da oficina facilita o processo de exploração do trabalho e os deixa mais vulneráveis.

(...) é um conforto, uma preguiça deles, eu vejo como falta de empreendedorismo da parte deles, não se organizam para melhorar. Comparados com outros imigrantes que vieram e cresceram, estes... não se organizam, são mais acomodados com a situação. Concorrem com eles mesmos, abaixam os preços para pegar a costura ao máximo tirando uns dos outros. Já ouvi depoimentos, eles falando se eu não pegar por esse preço, outro vai pegar então eu tenho que pegar (NOVAES, 2013).

Já para coordenadora do Projeto Si Yo Puedo e e/imigrante o problema da habitação é ainda maior, pois há um movimento por parte das associações, do ministério do trabalho, e de ONGs para mudar a forma de trabalho nas oficinas e não permitir que ocorra a moradia no mesmo local. Mas, segundo a mesma, será um processo muito demorado, pois os e/imigrantes chegam e não tem onde ficar, os abrigos públicos são destinados aos sem teto, a moradores de rua e não possuem condições para absorver essa demanda de trabalhadores estrangeiros.

Hoje em dia, por causa da regulamentação e do combate ao trabalho escravo isso tende a acabar, pra fazer a quebra das jornadas de trabalho. Porém, eles podem até fazer a quebra mas vai levantar ainda mais forte a demanda e o problema da habitação. Então não tem saída pra isso. Se eles não tem documento eles não alugam. Se não tem comprovante de renda eles não alugam, se ele não trabalha, e aí? Ele vira morador de rua? Você quer que ele seja um trabalhador que tenha uma reflexão sobre sua jornada de trabalho digna ou um morador de rua? (YUJARA, 2013)⁹

Observa-se que o trabalhador boliviano, ainda, opta por trabalhar e morar no mesmo local. Está consciente dos processos de exploração que podem ocorrer, mas julga algumas privações de liberdade, temporárias, necessárias para aumentar a renda e facilitar sua estada na cidade de São Paulo. Prefere dormir pouco dentro da oficina, mas em segurança, ao invés de se deslocar no meio da noite para uma favela de periferia distante, pois sem comprovação de

⁹ Entrevista com a coordenadora do Projeto Si Yo Puedo.

renda, sem fiador e contrato de aluguel só conseguiriam alugar um barraco. O deslocamento na cidade também é levado em consideração, o tempo e o valor das passagens são um custo a mais e devem ser descartados¹⁰.

“Na ótica capitalista, a moradia tem um valor de desfrute e um valor de negociação. Quando ela é ofertada ao operário, mediante um aluguel módico, passa a intervir no processo de produção (...)” (TEIXEIRA, 1990.p.70). Prática esta observada, nas oficinas de costura que concentram mão de obra e/ou imigrante, onde, muitos optam por morar no local de trabalho, como os operários fabris que se adequavam as regras das vilas construídas por seus patrões, pois “o custo da moradia absorvia metade do salário do trabalhador”¹¹, nada diferente do que fora exposto, dificuldades para locação e custo de vida elevado.

Referências

AZEVEDO, Flávio Antonio Gomes de. A presença do trabalho forçado urbano na cidade de São Paulo: Brasil/Bolívia. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós- graduação em Integração América Latina, USP, 2005.

BLAY, Eva Alterman. Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo. São Paulo: Nobel, 1985.

BOURDIER, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CERTEAU, Michel de.; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano. 2- Morar, Cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CORNER, Dolores Martin Rodriguez. Da Fome à gastronomia: os imigrantes Galegos e Andaluzes em São Paulo (1946-1960). Tese de doutorado. PUC-SP. São Paulo, 2011.

DUTRA, Rogéria. A boa mesa mineira, um estudo da cozinha e identidade. Dissertação de mestrado em antropologia Social, URFJ/ Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1991. In CORNER, Dolores Martin Rodriguez. Da Fome à gastronomia: os imigrantes Galegos e Andaluzes em São Paulo (1946-1960). Tese de doutorado. PUC-SP. São Paulo, 2011.

¹⁰ BLAY, Eva Alterman. Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo. São Paulo: Nobel, 1985. TEIXEIRA, Palmira Petratti. A Vila Maria Zélia : A fascinante história de um memorial ideológico das relações de trabalho na cidade de São Paulo. Fortaleza, 2009. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0155.pdf>

¹¹ Idem.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador – Uma história dos costumes. Vol.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

HOBBSBAWN, Erick; RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura – história, cidade e trabalho*. Bauru: Educs, 2002.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Trama e Poder. A Trajetória e polêmica em torno das Indústrias de Sacaria para o Café (São Paulo 1888-1934). Rio de Janeiro, Sette Letras, 1996.

MOURA, Esmeralda Blanco B. de. Trabalhadoras no lar: reflexões sobre o trabalho domiciliar em São Paulo nos primeiros anos da República. Disponível em: http://www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos/volume01/vol04_atg7.htm.

MILANESE, Graziela Arabe. Hospitalidade e comensalidade nas feiras de rua da cidade de São Paulo: Feira Kantuta e cultura boliviana. Dissertação de Mestrado. São Paulo: UAM, 2012.

TEIXEIRA, Palmira Petratti. A Vila Maria Zélia : A fascinante história de um memorial ideológico das relações de trabalho na cidade de São Paulo. Fortaleza, 2009. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0155.pdf>

TEIXEIRA, Palmira Petratti. A fábrica do sonho – Trajetória do Industrial Jorge Street. Editora Paz e Terra, 1990.

TRINDADE, Maria Beatriz Rocha. Recriação de Identidade em Contexto de migração. In: Lucena, Célia Toledo; Gusmão, Neusa Maria (orgs.). *Discutindo Identidades*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

Estadísticas para la Equidad de Género: Magnitudes y Tendencias en América Latina (Santiago). In Versão portuguesa: Igualdade no Trabalho: Enfrentar os desafios. Relatório Global de Acompanhamento da Declaração da OIT relativa aos Direitos e Princípios Fundamentais no Trabalho. Disponível em: http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/igualdade_07.pdf

Tipos básicos de máquina de costura para confecção. Disponível em: [www.http://maquinasdecosturaindustrial.com](http://www.maquinasdecosturaindustrial.com). Acesso em 30/07/2014.

